



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ELIZANGELA SILVA MESQUITA

**A ESCUTA DA CRIANÇA SOBRE A LINGUAGEM GRÁFICA:
RESSIGNIFICANDO O FAZER PEDAGÓGICO**

FORTALEZA

2015

ELIZANGELA SILVA MESQUITA

A ESCUTA DA CRIANÇA SOBRE A LINGUAGEM GRÁFICA: RESSIGNIFICANDO O
FAZER PEDAGÓGICO

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria Ilnair Martins Leite.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

M543e Mesquita, Elizangela Silva

A escuta da criança sobre a linguagem gráfica: ressignificando o fazer pedagógico / Elizangela Silva Mesquita. – 2015
45 f.; 30 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, 2015.

Orientação: Prof^ª. Ms. Maria Inair Martins Leite.

1. Educação infantil I. Título.

CDD 370

ELIZANGELA SILVA MESQUITA

A ESCUTA DA CRIANÇA SOBRE A LINGUAGEM GRÁFICA: RESSIGNIFICANDO O
FAZER PEDAGÓGICO

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria Ilnair Martins Leite.

Aprovado em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Maria Ilnair Martins Leite (Orientadora)
Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF)

Prof^a. Dra. Fátima Maria Araújo Saboia Leitão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Joana Adelaide Cabral Moreira
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

“A mamãe só quer saber disso!”

“É mesmo!”

Alan e André

Dedico:

Aos meus meninos, André e Alan, razão de
minha alegria;

E aos meninos e meninas que participaram da
pesquisa e contribuíram com suas ideias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido saúde para continuar nessa caminhada.

À minha orientadora Prof^ª. Ms. Maria Inair Martins Leite, pelas suas orientações, incentivo e compreensão. Obrigada por ter acreditado em mim!

Às amigas do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, em especial, à amiga Heloísa Felício pelo empréstimo de alguns livros e Maria Luisa (Malu), por me presentear com a tradução do resumo para o inglês.

Às coordenadoras do curso, funcionários e a todos os professores, que contribuíram com seus conhecimentos teóricos para minha vida profissional e pessoal.

À equipe da Célula de Educação Infantil do Distrito de Educação 3, em especial às amigas Shirley e Rejane, por terem me inquietado com os seus questionamentos.

À professora, à diretora, à coordenadora pedagógica e aos demais profissionais da escola que sempre me recepcionaram tão bem.

Às crianças e aos seus responsáveis, pela contribuição para uma melhoria na Educação Infantil.

E aos meus familiares...

Aos meus filhos, André e Alan, por terem aceitado a minha ausência em algumas das suas experiências.

Ao meu amado esposo, Sales, pelo incentivo, compreensão e ajuda contínua com os meninos.

Aos meus pais, Antonio e Graciete; aos meus irmãos Francijane, Regio, Rosangela e seu esposo Gazineu; minha prima, Adriene e minha querida afilhada e prima Walbiane, por terem assumido a tarefa de cuidar dos meus meninos, André e Alan, nos momentos que mais precisei.

E aos meus sogros, Gerardo e Diana; cunhados, Gevana, Ana Rita, Gevano e sua esposa Rafaela e meus sobrinhos queridos Larissa e Lucas; pelo apoio nos momentos mais difíceis.

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que
aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se
esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as concepções das crianças sobre a linguagem gráfica. Como referencial teórico, foram adotadas as contribuições de Edwards, Gandini, Forman (1999), Bassedas (1999), Rinaldi (2012), Barbieri (2012), Cunha (2014). A investigação aconteceu em uma turma de infantil V de uma escola pública municipal de Fortaleza, com um grupo de dezoito crianças de 5 anos de idade (dez meninas e oito meninos). A pesquisa de abordagem qualitativa foi definida pelo estudo de caso, em que foram usados como instrumentos a observação de três vivências com a linguagem gráfica, com a duração aproximada de duas horas, no período de novembro e dezembro; e a entrevista com as crianças. Os recursos utilizados foram o “diário de campo” e a câmera fotográfica para o registro das observações e o gravador de voz no momento da entrevista. A análise dos dados revelou que as crianças vivenciam atividades relacionadas à pintura e ao desenho. A pintura, em específico, se resumia a colorir desenhos “prontos” e “acabados” ligados a um determinado assunto que a professora julgava ser importante, como “animais nocivos” e datas comemorativas. Além disso, nas atividades gráficas, as crianças não tinham muita alternativa para comunicar suas ideias, uma vez que os materiais de construção eram invariáveis e sempre ficavam guardados no armário da professora, fora do alcance das crianças. Nesse sentido, podemos concluir que as crianças, através das suas falas, nos revelam vários conteúdos preponderantes para enriquecer as experiências com a linguagem gráfica, permitindo o rompimento com a visão adultocêntrica e com a sobreposição de uma determinada linguagem sobre outras.

Palavras-chave: Linguagem Gráfica. Educação Infantil. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This present research aims at investigating the conceptions of children about graphic language. As theoretical reference, it was adopted contributions from Edwards, Gandini, Forman (1999), Bassedas (1999), Rinaldi (2012), Barbieri (2012), Cunha (2014). The investigation took place in a public school in the city of Fortaleza- CE with students of the fifth grade in elementary school with a group of eighteen five-year-old children (ten girls and eight boys). The research on qualitative approach was defined by the case study which was used, as observation instruments, three experiences with graphic language which lasted approximately two hours during the months of November and December; and the interview with the children. A sort of “field journal” and a photographic camera were used for the observation recordings and a voice recorder for the interview. The data analysis showed that children lived activities related to painting and drawing. The paintings were summarized to color ready and finished drawings linked to a certain subject that the teacher considered important such as “harmful animals” and holidays or celebrations. In addition to it, in the graphic activities, children have not had many alternatives to communicate their ideas since the material needed was invariable and it was always kept locked in the teacher’s lock, out of reach for the children. This way, we may assume that children, throughout their speeches, reveal many preponderant contents to enrich their experiences with graphic language allowing them to break up with the adult centered vision and with the overlapping of one specific language upon others.

Keywords: Graphic Language. Childhood Education. Teaching Practice.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Crianças assinando o termo de consentimento	21
Foto 2 - Pintura dos “animais nocivos”	26
Foto 3 – Material de construção disponibilizados e armário da professora	27
Foto 4 – Diálogos entre as crianças	28
Foto 5 – “Flocos de neve” nos desenhos das crianças	29
Foto 6 – Varal para anexar as atividades	30
Foto 7 – Crianças desenhando com canetas hidrográficas	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	A linguagem gráfica como uma das múltiplas linguagens da criança	14
2.2	O interesse da criança expresso na linguagem gráfica: “Tia, eu posso...!?”	16
2.3	O material de construção: “Eu já vou dar pra vocês tudo que vocês precisarem”	18
3	METODOLOGIA	20
3.1	Tudo começou assim...	20
3.2	Chegando lá!	21
3.3	É melhor ouvir e falar!	21
4	ANÁLISE DOS DADOS	23
4.1	Contextualizando as observações e entrevistas	23
4.2	Observando o cotidiano das crianças	24
4.3	A criança nos diz... Só precisamos escutá-la!	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A DIRETORA DA ESCOLA	36
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PROFESSORA	37
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS	38
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A CRIANÇA	39
	APÊNDICE E – ROTEIRO DA ENTREVISTA	40

1 INTRODUÇÃO

"Que a importância de uma coisa não se mede
com fita métrica nem com balanças, nem barômetros.
Que a importância de uma coisa há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós."
(Manoel de Barros)

Este trabalho fala aos profissionais da educação, em especial professores¹ da Educação Infantil, a respeito da “escuta da criança sobre a linguagem gráfica²: ressignificando o fazer pedagógico”.

É uma pesquisa que se desenvolve com a turma do infantil V, em uma escola pública municipal de Fortaleza, situada no Distrito de Educação 3.

Conhecer e estudar as Diretrizes para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB nº 05/2009) aguçou o meu interesse pelo tema, mas tudo começou da experiência como professora, supervisora escolar e técnica em educação, com um olhar voltado mais particularmente para a Educação Infantil.

Como professora, iniciei no jardim II, por volta de 1994, em uma instituição particular no município de Itapipoca e ano subsequente, em uma instituição pública municipal de Miraíma. Nesse período, as vivências das crianças com a linguagem gráfica eram definidas somente pela professora. Eram atividades gráficas³ lineares e mecânicas, com pontilhados para cobrir, desenhos prontos, derivadas de “coleções de atividades” e de uma listagem de conteúdo a ser cumprido até o final do ano letivo para que a criança estivesse “pronta” a ingressar na série seguinte.

Apesar de uma prática pedagógica desprovida de significado para a criança, nos discursos a mesma era mencionada como um sujeito crítico, criativo e ativo no seu processo de aprendizagem.

Na condição de professora iniciante, naquele contexto histórico, não era nada fácil. Inexistiam as formações para professores, os meios tecnológicos para pesquisa eram

¹ Refiro-me a “professores”, no masculino, como um modo de salientar a importância desse gênero, também, no contexto da educação infantil.

² De acordo com o dicionário on-line Priberam, *linguagem* é a “*expressão do pensamento pela palavra, pela escrita ou por meio de sinais*”. Esta pesquisa se refere a linguagem gráfica enquanto a expressão da criança através da escrita, desenhos, pintura e construção tridimensional.

³ O dicionário on-line Priberam, conceitua *atividade*: *faculdade de exercer a ação*. O termo “atividade gráfica”, nesta pesquisa, se refere a expressão através da ação.

inacessíveis e as fontes de leituras se resumiam a poucos títulos do MEC enviados a instituição pública municipal.

Imbricado a essa prática educativa, a experiência como coordenadora em um “anexo escolar⁴”, em 2005 e como supervisora escolar em uma escola pública municipal de Fortaleza em 2006, no que se refere ao acompanhamento da prática pedagógica de professoras da Educação Infantil, na elaboração e execução do planejamento, foi observado a reprodução de algumas atividades gráficas similares as ressaltadas anteriormente.

A partir das observações à prática pedagógica de outros profissionais da Educação Infantil e no deleite as leituras de alguns teóricos da educação (ARIÈS, 2006; BRASIL, 1998; FERREIRO; TEBEROSKY, 1999; FREIRE, 2007 e outros), foi possível rever meu conceito de criança, aprimorando meu conhecimento sobre o desenvolvimento da criança na idade de Educação Infantil e o saber fazer nessa etapa.

Nesse caminhar profissional, desde 2010, estou tendo a oportunidade de exercer a função de técnica em educação, na Célula de Educação Infantil no Distrito de Educação 3, realizando o acompanhamento pedagógico e administrativo a algumas instituições escolares que atendem crianças na faixa de idade de 1 a 5 anos e 11 meses. Entre 2010 a 2013, assumi a atribuição de formadora⁵ de professores, auxiliares educacionais e coordenadores da educação infantil da rede municipal de Fortaleza.

Para afinar as concepções do grupo de formadores sobre o trabalho desenvolvido com crianças na Educação Infantil, a Coordenadoria de Educação Infantil (COEI) / Secretaria Municipal de Educação (SME), possibilitava encontros semanais entres as formadoras para estudo de temáticas relacionadas ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Além desses momentos, acontecia encontros bimestrais de “formação para formadores”, promovido pelo Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC) / Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) em parceria com a Secretaria municipal de Educação (SME).

Pode-se afirmar que a leitura dos documentos legais (Lei 9.394/96; Resolução CNE/CEB nº 1/99; Parecer CNE/CEB nº 22/98; Resolução CNE/CEB nº 5/2009; Parecer CNE/CEB nº 20/2009) (BRASIL, 1996, 1998a, 1999, 2009b, 2009d) e dos aportes teóricos (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999; GALVÃO, 1995; BROUGÈRE, 2008 e outros) ressignificar o conceito de linguagem gráfica na Educação Infantil e aprimorou a escuta dos interesses da criança.

⁴ O anexo escolar é uma instituição municipalizada, dirigida por uma coordenadora, vinculada a uma escola com conselho escolar, funcionando em prédio alugado.

⁵ No ano de 2013, passei por uma seleção para formadores da Educação Infantil/ Portaria Nº 92/2013.

Adentrando ao ordenamento legal, o Parecer CNE/CEB nº20, de 11 de novembro de 2009 (BRASIL, 2009b) e a Resolução CNE/CEB nº05, de 17 de dezembro de 2009 (BRASIL, 2009d), este último de caráter mandatório, são os documentos mais recentes que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e faz ressalva a criança enquanto

[...] centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009c, p. 1).

E mais explicitamente no parecer fica destacado que “[...] devem ser abolidos os procedimentos que não reconhecem a atividade criadora e o protagonismo da criança pequena, que promovam atividades mecânicas e não significativas para as crianças.” (BRASIL, 2009b, p. 06-14).

Vários autores como Jablon, Dombro e Dichtelmiller (2009); Edwards, Gandini e Forman (1999), Cruz (2010), Rinaldi (2012) e outros, têm destacado a variedade das experiências nas diversas linguagens e a escuta dos interesses da criança como aspectos que contribuem para ressignificar a prática pedagógica na Educação Infantil.

Com relação a escuta da criança, Cruz (2010), diz que é “um direito” da criança ser ouvida e que “isso pode ajudar os adultos a tomarem melhores decisões”. Trata-se do professor da Educação Infantil perceber e aceitar a criança enquanto sujeito partícipe do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem; rompendo com o paradigma da teoria ambientalista em que a criança é comparada a “uma folha em branco”, “onde nada sabe”, mas o “professor é quem irá ensinar-lhe”.

Embora atualmente seja citado nos documentos legais (Parecer CNE/CEB nº20/2009; Resolução CNE/CEB nº5/2009) e em diversos trabalhos científicos (Edwards, Gandini e Forman, 1999; e outros), a escuta da criança como propulsora da aprendizagem, do desenvolvimento e bem-estar; ainda é bastante inovador no trabalho com as crianças pequenas⁶, até mesmo no que concerne a linguagem gráfica. Diferentemente das experiências de Reggio Emília⁷ que é uma referência quando se trata do trabalho com as mesmas.

Edwards, Gandini e Forman (1999) retratam que as crianças utilizam a linguagem gráfica “para registrarem suas ideias, observações, recordações, sentimentos e

⁶ O termo “criança pequena” é abordado no Parecer CNE/CEB nº20/2009 (BRASIL, 2009b).

⁷ Reggio Emília, fica no nordeste da Itália. O seu sistema municipal de educação é referência para muitos países.

assim por diante”. Na realidade dessa mesma região, a linguagem gráfica é considerada uma das múltiplas linguagens da criança, pois esta é detentora de “cem linguagens”:

As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as “linguagens” naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música. (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 1999, p. 21).

No sítio da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)⁸, foi realizado um levantamento das produções acadêmicas do período de 2009 a 2013, tendo como palavras referência: "atividades gráficas", “criança protagonista” e “pré-escola”.

A pesquisa resultou na análise de setenta e oito trabalhos. Desse total, somente dois fazem alusão a organização do trabalho na “pré-escola” e a criança enquanto sujeito “protagonista”; e nenhum menciona o desenvolvimento do trabalho na Educação Infantil fazendo referência as “atividades gráficas”.

Como a linguagem gráfica é uma das muitas linguagens que a criança poderá se utilizar para se expressar e comunicar (Edwards, Gandini e Forman (1999); Rinaldi (2012); Parecer CNE/CEB nº20/2009; Resolução CNE/CEB nº5/2009 e outros), o objetivo geral da pesquisa é investigar as concepções das crianças sobre a linguagem gráfica.

E objetivos específicos:

- Analisar as vivências das crianças com a linguagem gráfica;
- Investigar os interesses das crianças expressos através da linguagem gráfica;
- Identificar a variedade e acessibilidade do material e suporte de construção.

Nesse processo, alguns questionamentos nortearam o presente diálogo: Quais as vivências das crianças com a linguagem gráfica? As crianças se utilizam da linguagem gráfica para expressar suas ideias? O material de construção disponibilizados às crianças são variados e organizados de modo acessível as mesmas?

Para aprofundar essas ideias, a monografia está organizada em cinco capítulos. O primeiro, intitulado introdução, discorre principalmente sobre o interesse pelo tema e os objetivos da pesquisa. Na fundamentação teórica, o segundo capítulo, enfatiza a importância da linguagem gráfica para o desenvolvimento integral da criança; a escuta do interesse da

⁸ Foi feita a opção pela ANPEd por ser uma das entidades mais conceituadas.

criança para ressignificar a prática pedagógica e o material de construção para enriquecer as possibilidades de criação da criança. Já o terceiro, metodologia, retrata o lócus da pesquisa, os sujeitos, instrumentos e os recursos utilizados. No quarto capítulo, os dados da pesquisa são apresentados e analisados. Por último, conclusão, enfatiza a relevância do tema e a importância de outros trabalhos, no que concerne a linguagem gráfica, para favorecer o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil.

Nesse diálogo, busca-se fomentar algumas reflexões nos profissionais da Educação Infantil (gestores, professores e os demais) a respeito da linguagem gráfica como meio de expressão e a escuta dos interesses da criança como mentora de um trabalho pedagógico significativo.

Assim, contribuir para a promoção de uma Educação Infantil de boa qualidade e uma sociedade mais humana. Melhor será para as crianças e para a sociedade como um todo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Renda-se como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”
(Clarice Lispector)

2.1 A linguagem gráfica como uma das múltiplas linguagens da criança

A criança, desde a mais tenra idade, expressa e comunica seus desejos as pessoas mais próximas através de variadas linguagens. Essa necessidade de expressão das ideias, desejos, opiniões é algo inerente ao ser humano, mas que precisa ser estimulado predominantemente na infância.

Para garantir à criança a ampliação desses saberes no contexto escolar, surge a Resolução CNE/CEB nº 05/2009, cujo documento legal mais recente, fixa as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, definindo no Art. 3º o currículo como:

[...] um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2009d, p.1).

Nessa articulação das experiências e saberes das crianças com os saberes e conhecimentos que fazem parte da cultura, a instituição escolar cumpre sua função sócio-política, garantindo a ampliação dos saberes e experiências das crianças.

No Parecer CNE/CEB nº 20/2009, fica explícito que considerar o desenvolvimento integral da criança é compreender “a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças.” (BRASIL, 2009b, p. 6), ou seja, é possibilitar o desenvolvimento, aprendizagem e bem-estar da criança considerando sua expressividade dentro das “cem linguagens” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999), rompendo com a fragmentação dos saberes e a predominância de uma linguagem sobre outra.

Esse movimento contínuo e articulado entre as diferentes linguagens pulsa vida, favorece a manifestação da expressão e a vivência de experiências pedagógicas significativas.

Ancorado as diversas manifestações de expressão da criança, podemos destacar a linguagem gráfica como um meio que a criança se utiliza para comunicar seus sentimentos,

observações, ideias, sugestões, opiniões, através das mais diferentes marcas gráficas, como as garatujas, desenhos, pinturas, recortes, colagens, modelagens e construções tridimensionais.

Nas experiências de Reggio Emília, “[...] de fato, o desenho, a pintura (e o uso de todas as linguagens) são experiências e explorações da vida, dos sentidos e de significados. Representam a expressão de urgências, desejos, certezas, investigações, hipóteses, reajustes, construções e invenções.” (GANDINI, 2012, p.24).

Garantir a inserção dessa vivência no contexto da educação infantil, concomitante estamos contribuindo para a criança “transver o mundo” (OSTETTO, p. 54, 2010), pois a linguagem gráfica oportuniza a criança a reelaborar suas ideias, “ampliar os conceitos”, o desenvolvimento da “habilidade manual” e a ativação da “imaginação e fantasia”. (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 85).

As crianças, constantemente, devem ser incentivadas a criar. Mas essa criatividade não parte do “acaso”. É preciso possibilitar observações de fatos cotidianos, e convidar as crianças a registrar, a sua maneira, suas ideias e sentimentos; bem como, revisitar suas produções e de outras crianças para que possam ampliar e reelaborar suas ideias em torno de determinado tema. É preciso ainda, disponibilizar diversificados materiais, sobretudo, os elementos da natureza, para que as crianças elaborarem seus pensamentos e possam imprimi-los.

De acordo com Edwards, Gandini e Forman (1999, p. 38),

A maioria dos pré-escolares – pelo menos aos 3 ou 4 anos – ainda não é capaz de representar muito bem suas observações e pensamentos por escrito. Eles podem, é claro, ditar seus pensamentos e observações a outros para que os escrevam. Entretanto, uma das grandes lições de Reggio Emília é a forma como as crianças pré-escolares podem usar o que chamam de linguagens gráficas [...] para registrarem suas ideias, observações, recordações, sentimentos e assim por diante. Suas observações revelam como as linguagens gráficas são usadas para explorar os conhecimentos, reconstruir algo que já conheciam e construir em conjunto conhecimentos revisitados dos tópicos investigados.

Sendo uma necessidade da criança expressar e comunicar ao outro, mediante também a linguagem gráfica, as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem garantir experiências que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações”, dentre elas, as “artes gráficas” (BRASIL, 2009d), para a expansão das possibilidades de expressão e comunicação da criança por meio das mais variadas experiências.

Para que isso ocorra, a intencionalidade pedagógica deve perpassar em todas as ações desenvolvidas com as crianças na instituição escolar. Como afirma Edwards, Gandini e Forman (1999, p. 90), “Quanto mais ampla for a gama de possibilidades que oferecemos as crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiências.”

Nessa conjuntura, ao valorizarmos a linguagem gráfica no contexto da Educação Infantil estamos respeitando o direito da criança de se expressar, comunicar e criar.

Desde já, se faz necessário repensar a importância da linguagem gráfica na Educação Infantil e romper com o velho paradigma da predominância de uma linguagem sobre outra, na busca da articulação entre as diferentes linguagens para um melhor atendimento na Educação Infantil.

2.2 O interesse da criança expresso na linguagem gráfica: “Tia, eu posso...!?”

Ao longo dos últimos anos, a fala da criança sobre diferentes assuntos, vem sendo considerada de modo satisfatório e progressivo. Essa valorização da fala da criança ocorre em favor das mudanças sofridas, na concepção de criança, educação infantil e aprendizagem, ao longo desse processo histórico.

Sendo a criança o “centro do planejamento curricular” (BRASIL, 2009, p. 1), ouvi-la é imprescindível para conhecê-la e repensar a prática pedagógica, propondo vivências significativas e prazerosas cotidianamente.

No artigo 9º, da Resolução CNE/CEB nº 05/2009, ainda prever a garantia de diversificadas experiências, dentre elas podemos citar,

- I - Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- II- favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- IX- promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plástica e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; (BRASIL, 2009, p. 4).

Nessa condição, a instituição escolar precisa levar em conta a criança enquanto sujeito que deseja, aprende e é capaz de expressar suas percepções e sentimentos através também da linguagem gráfica. Com esse posicionamento, não se está apenas “ouvindo” a criança mas fazendo valer o seu direito.

O Parecer CNE/CEB nº 20/2009, ratifica a importância da instituição de Educação Infantil “[...] criar contextos [...] que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses.” (BRASIL, 2009b, p. 12).

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar a preponderância de um adulto atento, que compreenda e atenda esses interesses e desejos das crianças, pois a todo instante a criança fala “por metáforas” (OSTETTO, 2010, p. 54), dando indícios do que está lhe interessando no cotidiano.

Nessa relação do ensino e aprendizagem, Malaguzzi (1999 *apud* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 93) afirma a importância do professor observar “[...] cuidadosamente o que as crianças fazem e então, se você entendeu bem, talvez ensine de um modo diferente de antes.”

Ouvir a fala das crianças, compreender e valorizar as suas formas de expressão, suscita no profissional da Educação Infantil refletir sobre a intencionalidade pedagógica; ampliar as experiências possibilitadas as crianças na linguagem gráfica (e outras linguagens) e variar o material e o suporte para construção.

Com a escuta da fala das crianças o professor vai percebendo que “[...] criamos o que chamamos de ‘audiência competente’, sujeitos capazes de escutar reciprocamente e se tornar sensíveis às ideias de outras pessoas, para enriquecer as suas próprias ideias e gerar ideias grupais.” (RINALDI, 2012, p. 192).

Desse modo a criança amplia sua confiança para comunicar, criar e expressar seus pensamentos, escolhas, sentimentos, sugestões, acordo ou desacordo, prazer e surpresa.

As crianças nos dizem que “as cem existem” (MALAGUZZI, 1999 *apud* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999). Então precisamos aprender a escutar a criança, considerar o seu interesse, imaginação e sua capacidade.

2.3 O material de construção: “Eu já vou dar pra vocês tudo que vocês precisarem”

Um dos meios da ação pedagógica, ao possibilitar a vivência da criança com a linguagem gráfica, é pensar a preparação e organização do material⁹ para a construção.

A escolha do material deve ser feita com antecedência pelas crianças e encorajadas pelo professor. Também, se faz necessário uma variedade e que estes se encontrem em altura acessível as crianças para que as mesmas ousem nas suas criações.

⁹ Por material, nesta pesquisa, compreende todos os recursos utilizados na linguagem gráfica: variados papéis, caixas, pincéis, madeira, tecidos, folhas, sementes, esponjas, latas...

Com relação a diversidade dos materiais, Cunha (2014, p. 29-30) cita que,

[...] quanto mais uma criança pintar e interagir com diferentes tintas e instrumentos (buchas, pincéis, esponjas, rolhas, rolos, etc.), que marcam um suporte (papel, madeira, pedra, tecido, argila, etc.), mais possibilidades essa criança terá de evoluir em seu vocabulário pictórico. É nesse fazer e no pensar sobre esse fazer que a criança construirá sua linguagem na modalidade da pintura, assim como qualquer outra modalidade visual.

O professor ousando na variedade do material de construção, favorece a criança mais opções para decidir e, conseqüentemente, expressar e comunicar suas ideias e impressões sobre o mundo que a cerca, além de muitas outras aprendizagens.

O envolvimento no que concerne a escolha do material deve perpassar por ambos os protagonistas – professor e criança, para que se ampliem o conhecimento e a curiosidade da criança.

Nora Cannon (1999 *apud* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 275), fazendo referência a sua sala de aula, relata que

Quanto mais experiência as crianças têm com materiais, mais são capazes de entender esses materiais e desenvolvê-los como uma de suas linguagens [...] o material precisa pertencer às crianças para que os usem como uma ferramenta para comunicação. O material precisa ter uma história com as crianças. Com o passar do tempo, serão capazes de se expressar claramente, a fim de solucionarem determinado problema.

A escolha do material pela criança decorre das suas necessidades e desejos. Daí a importância de ofertá-la diferentes materiais (tintas, tecidos, caixas, fitas, lápis, papéis...), inclusive os elementos que fazem parte da natureza (folhas, areia, argila, sementes, etc.) e os de sucata.

Mas além da variedade do material de construção e a sua definição com antecedência, também é importante organizá-los em local adequado e compatível à altura das crianças, para que as mesmas possam decidir pelo material a ser utilizado nas suas representações gráficas.

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº05/2009 (Art. 8º, §1º, inciso VII), a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir “a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos [...]” (BRASIL, 2009d, p. 2). Nesse sentido, as crianças são convidadas a interagir, explorar o material e, caso desejem, utilizá-los nas suas produções.

Em escolas públicas municipais, na região de Reggio Emília, “[...] todos os materiais na sala de aula são exibidos de forma estética. Os materiais de arte são colocados organizadamente nas prateleiras, em recipiente transparentes acessíveis às crianças.” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 271).

O material oferecido às crianças nas vivências gráficas e a sua disposição, embora não seja o único aspecto, também tem repercussões no ato educativo. Quando o material de construção está acessível às crianças, a instituição de Educação Infantil demonstra uma valorização na interação, criação e comunicação da criança, bem como, favorece uma aprendizagem otimizada.

Enquanto profissionais da Educação Infantil (Professor, coordenador, diretor e outros) precisamos continuar ousando na variedade e disposição acessível do material de construção para que as crianças também possam ousar nas suas criações.

3 METODOLOGIA

“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas.
E me encantei.”
(Manoel de Barros)

3.1 Tudo começou assim...

Considerando os objetivos propostos na pesquisa, trata-se de uma investigação qualitativa, uma vez que busca elucidar sobre a importância da linguagem gráfica no contexto da Educação Infantil para o desenvolvimento integral da criança pequena e a escuta das suas ideias, pensamentos, opiniões e desacordos para repensar a prática pedagógica.

Dentro da abordagem qualitativa, definimo-nos pelo estudo de caso como o meio de nos aproximarmos da realidade.

De acordo com Fonseca (2002, p.33),

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.

Antevendo a pesquisa de caso, optamos por investigar crianças de uma turma de infantil V, de uma instituição escolar da Rede Municipal de Fortaleza. O interesse por essa faixa etária (5 anos a 5 anos e 11 meses) deveu-se ao fato de maiores perspectivas na expressão oral.

Como não havia um tempo destinado ao desenvolvimento da pesquisa, foi preciso conciliá-la com a rotina de trabalho, realizando assim, um levantamento das instituições de Educação Infantil com turmas de infantil V, no Distrito de Educação 3, dentre as quais realizo acompanhamento administrativo e pedagógico. Não foi nada fácil!

Do total de dez instituições, oito possuíam turmas de infantil V. Nessa situação foram estabelecidos outros critérios para definir a instituição escolar: a escola dispor de diversificados materiais (papéis, tintas, lápis, colas variadas, etc.) e a professora aceitar a realização da pesquisa.

Após a escolha da instituição de Educação Infantil, foi solicitado uma autorização a Coordenadoria de Educação Infantil (COEI) / Secretaria Municipal de Educação (SME) para realizar a pesquisa e torná-la mais confiável.

3.2 Chegando lá!

O estudo de caso ocorreu durante o mês de novembro e primeira quinzena de dezembro. Iniciou-se com a apresentação do tema e objetivos da pesquisa aos responsáveis pela turma do infantil V a qual a pesquisa se destinava: diretora¹⁰, coordenadora pedagógica e professora.

Logo de início, pensei que a minha presença, enquanto técnica de educação do Distrito de Educação 3, fosse gerar algum desconforto nos profissionais. Pelo contrário, mostraram-se satisfeitos e ao mesmo tempo interessados em conhecer mais sobre o infantil V, através do resultado da pesquisa. A autorização foi firmada com a assinatura da diretora e professora no Termo de Consentimento¹¹ (APÊNDICES, A).

Nesse momento, a convite da professora me dirigi até a sala de referência da turma do infantil V para ser apresentada as crianças. Estas se encontravam sentadas no chão, em formato de um círculo para o tempo da “roda de conversa”. Após a professora adentrar a roda, falou às crianças o meu nome e o motivo pelo qual estava ali: “observar as atividades”. As crianças demonstraram-se bastante receptivas, dizendo-me os seus nomes.

Na oportunidade, perguntei-lhes se podia ficar, algumas vezes, na sala observando o que elas faziam para poder responder um trabalho. No mesmo instante, a autorização foi concedida pelas crianças com um “Simmmmm!”. Permaneci na turma até o final da “roda de conversa”, e antes que esta fosse desfeita, me despedi reforçando a minha vinda em outro dia.

Este encontro foi bastante instigador, pois para um bom andamento da pesquisa, precisava ganhar a confiabilidade das crianças e só depois solicitar-lhes a sua autorização e dos seus responsáveis através do Termo de Consentimento (APÊNDICES, C, D).

Apesar de não ser necessário, fiz questão de elaborar um “termo de consentimento” para as crianças assinarem; esta seria uma maneira de envolvê-las nesse processo e ao mesmo tempo respeitar e valorizar sua decisão.

¹⁰ A diretora entrou de licença maternidade, mas uma professora da escola assumiu a função.

¹¹ O Termo de Consentimento foi um documento elaborado pela pesquisadora e orientadora para comprovar a autorização dos envolvidos indiretamente (diretora, coordenadora pedagógica, professora e famílias) e diretamente (crianças) na pesquisa.

Foto 1 – Crianças assinando o termo de consentimento



Fonte: Arquivo de pesquisa

3.3 É melhor ouvir e falar!

Na coleta dos dados, foram utilizados os registros das observações no “diário de campo”, o arquivo fotográfico e os relatos das crianças gravados durante a entrevista.

A observação das vivências com a linguagem gráfica, transcorreu durante três sessões na turma do infantil V, com um tempo que perdurou em torno de 2 horas aproximadas; ocorrido em diferentes dias da semana, sem dia fixo, com o objetivo de observar algumas vivências das crianças com a linguagem gráfica e escutar suas ideias, sugestões e opiniões.

Durante as observações, a proposta de atividade gráfica, o material e o suporte disponibilizados e alguns diálogos entre as crianças foram registrados no “diário de campo”, além do registro fotográfico.

Quando conquistada a confiança das crianças, falei-lhes que precisava conhecer mais o que elas faziam na escola e que gostaria de entrevistá-las em pequenos grupos para que todas pudessem falar; e que durante a conversa, precisaria gravar as suas falas (mostrei-lhes o gravador de voz) para que depois pudesse transcrevê-las.

Na intenção de ouvir as ideias, opiniões e sugestões das crianças sobre a linguagem gráfica, foi lhes questionado sobre o desejo de participar da entrevista. Todas as crianças levantaram o braço ou gritaram “Eu! Eu!”, indicando concordância; com exceção de uma menina que não revelou o seu motivo, mas que teve sua decisão respeitada.

Bogdan e Biklen (1994, p.139), citam que “As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes.” Para obter essa “riqueza de dados”, organizei as crianças em seis grupos; cada grupo continha três:

uma menina e dois meninos ou o contrário. Totalizando o número de dezoito crianças entrevistadas, justamente as que no ato da pesquisa frequentavam a instituição escolar.

O espaço sugerido pela coordenadora foi a secretaria da escola, por ser o ambiente mesmo transitado. O local era pequeno, assim como os demais (sala de coordenação e diretoria), porém arejado.

Com o pequeno grupo, sentamos no chão e antes de dirigir as perguntas às crianças, apresentei-lhes o gravador de voz e o seu funcionamento; novamente questionando-as se podia gravar as suas falas. Nenhuma se recusou.

Em seguida mencionei que gostaria de conhecer as atividades que elas faziam na escola; as que mais gostavam; os materiais que utilizavam; os que preferiam fazer uso e as suas criações. Essas perguntas constavam no roteiro (APÊNDICE E) utilizado no ato da entrevista, para que o momento fosse melhor conduzido.

A pergunta era lançada, visando conhecer o que as crianças pensam sobre o assunto, buscando captar a resposta de cada uma, para que a opinião de todas pudesse ser contemplada. Apesar do cuidado em ouvir as respostas de todas as crianças, foi observado que em cada grupo, sempre tinha uma criança que, oralmente, se destacava mais.

A duração da entrevista no pequeno grupo teve o tempo aproximado de 20 minutos; o suficiente para que as perguntas fossem respondidas com tranquilidade.

De modo geral, as crianças demonstraram um pouco de ansiedade, mas bastante alegria ao participar da entrevista. É tanto que a criança que inicialmente se recusou a participar, logo mudou de opinião ao observar a euforia dos seus colegas.

Após a entrevista com as crianças, todas as falas foram transcritas para o “diário de campo”.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Diego não conhecia o mar.
 O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
 Viajaram para o sul.
 Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
 Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,
 Depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi
 tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou
 mudo de beleza.
 E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejou, pedindo ao pai:
 - Me ajuda a olhar!
 (Eduardo Galeano)

4.1 Contextualizando as observações e entrevistas

Quando iniciado o estudo de caso na escola “Flocos de Neve”¹², alguns aspectos do atendimento as crianças do infantil V como os profissionais, a estrutura física e os ambientes da escola já eram conhecidos através dos acompanhamentos¹³ pedagógico e administrativo realizado na mesma instituição escolar, enquanto técnica em educação pela Célula da Educação Infantil / Distrito de Educação 3.

Mesmo assim, precisava conhecer melhor as atividades gráficas propostas as crianças do infantil V, bem como os materiais disponibilizados e a escuta dos interesses das crianças sobre a linguagem gráfica.

Nesse sentido, foi indispensável a observação do cotidiano das crianças no que se refere a experiência com a linguagem gráfica, o que também possibilitou um melhor vínculo entre pesquisadora e crianças para que as mesmas se sentissem mais à vontade durante a entrevista.

Tomando por base as observações e entrevistas com as crianças, buscava-se responder alguns questionamentos: Quais as vivências das crianças com a linguagem gráfica? As crianças se utilizam da linguagem gráfica para expressar suas ideias? O material de construção disponibilizados às crianças são variados e organizados de modo acessível as mesmas?

Consequentemente busca-se valorizar o tempo destinado a linguagem gráfica no contexto da Educação Infantil. Um tempo onde a criança possa exprimir seus desejos, libertar

¹² Nome fictício, resgatado da fala de uma das crianças, dado a instituição escolar pesquisada para resguardar sua identidade.

¹³ Desde o início do ano letivo de 2014, vinha realizando acompanhamento pedagógico e administrativo à escola pesquisada.

sua criatividade e experimentar diferentes materiais, sendo este um dos aspectos para garantir uma boa qualidade no atendimento.

Dessa maneira a escola não só garante o direito da criança, mas reconhece sua ação criadora e a preponderância da linguagem gráfica para o seu desenvolvimento integral.

A seguir apresentaremos algumas cenas e trechos das falas¹⁴ das crianças que foram registradas no “diário de campo”, captadas através das observações em sala de aula e entrevistas com as crianças, visto que não daríamos conta de toda a complexidade das vivências. Então vamos conhecer um pouco mais.

4.2 Observando o cotidiano das crianças

Observar as ações das crianças nas experiências com a linguagem gráfica, também dá indícios ao professor da Educação Infantil de repensar a intencionalidade pedagógica, oportunizando um fazer pedagógico prazeroso e significativo, favorecendo o desenvolvimento integral da criança.

Como as crianças se expressam através das “cem linguagens” (MALAGUIZZI, 1999 *apud* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999) a instituição escolar infantil precisa valorizar, desde já, a linguagem gráfica, os materiais disponíveis, a acessibilidade a esses recursos e a escuta dos interesses da criança, como nos revela as cenas a seguir:

A professora apresentou a “tarefa” que continha desenhos de “animais nocivos” e falou as crianças que elas iriam pintar.

Quando a professora anunciou a pintura, de imediato ouviu-se um “OBA!” partindo das crianças, e em seguida, se dirigiram as mesas para dar início a atividade. (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 06/11/2015).

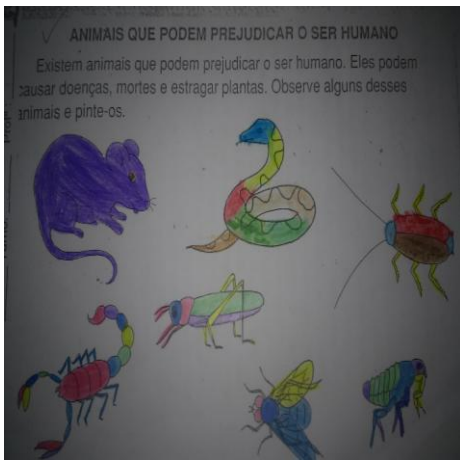
Algumas crianças questionavam a professora se podiam pintar. Com a resposta afirmativa da professora ouviu-se um “EEEH!” da turma. (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 16/12/2015).

A professora denota uma preocupação de aprimorar o conhecimento das crianças com relação a algum tema, como “animais nocivos” e datas comemorativas e não se dá conta do empobrecimento gráfico e da produção estereotipada dos desenhos favorecidos às crianças.

Contrário aos objetivos da professora, algumas crianças manifestam oralmente, uma satisfação intrínseca a linguagem gráfica com um “OBA!” ou um “EEEH!”, quando é mencionado a realização da pintura. Demonstram pictoricamente, divertir-se com essa ação.

¹⁴ Todas as falas das crianças aparecem na formatação em itálico.

Foto 2 – Pintura dos “Animais nocivos”



Fonte: Arquivo de pesquisa

Nos diálogos entre as crianças, durante a realização da pintura, constantemente expressavam o desejo, o interesse pela linguagem gráfica e pelos materiais para a construção: *“Prontinho. Eu já terminei.”*, *“Eu posso desenhar atrás?”* *“Tia, depois desse eu quero mais folha.”* *“Tia a gente gosta muito de desenhar com canetinha.”* (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

O gosto pela linguagem gráfica e/ou outra, vai aprimorando e ampliando com a vivência de experiências ricas. Vale ressaltar que meio a essas experiências, não existe espaço para os desenhos prontos e acabados, já que *“Expressar não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando uma outra forma ao percebido e vivido.”* (CUNHA, 2014, p.41).

A criança vai ousar nas suas criações de acordo com que lhes é oportunizado. Quanto mais rica as *“possibilidades, mais ricas suas experiências”* (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 1999, P.90); pois esta é detentora de saberes, desejos e escolhas.

Com relação ao material de construção, gostaria de fazer ressalva a duas questões observadas e indispensáveis no espaço da Educação Infantil: a sua disposição e variedade.

Os trechos a seguir mostram que os materiais de construção utilizados na experiência com a linguagem gráfica, não são organizados em local visível e acessível às crianças, para que as mesmas possam fazer suas escolhas e enriquecer suas propostas.

A professora foi até o armário, retirou algumas bandejas descartáveis com giz de cera e entregou nos grupos. (TRECHO DO REGISTRO DIA 06/11/2015)

E para a construção desses desenhos, os materiais ofertados as crianças foram os lápis de cor, giz de cera e canetas hidrográficas.

Quando a professora retirou do armário as canetas hidrográficas, as crianças demonstraram uma ansiedade e empolgação, especificamente, com esse material. (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Em todas as situações observadas, o material de construção oferecido às crianças na atividade gráfica estava sempre guardado no armário da professora, fora do alcance das mesmas. Foi observado, que a decisão pelo recurso a ser manipulado pela criança, competia somente a professora. Em nenhuma situação as crianças foram questionadas.

É no “pensar sobre esse fazer” (CUNHA, 2014, p.29) que o professor precisa alcançar continuamente para provocar, de modo positivo, a curiosidade, imaginação, fantasia e aprendizagem da criança.

Foto 3 – Materiais de construção disponibilizados e armário da professora



Fonte: Arquivo de pesquisa

Além do mais, o material e o suporte de construção, disponibilizados às crianças, eram sempre os mesmos: papel tamanho A4 ou livro didático, lápis grafite, lápis de cor, giz de cera e/ou canetas hidrográficas. Quando a professora ofertou este último, as crianças demonstraram uma maior empolgação como se fosse uma raridade o seu uso.

Na restrição do uso dos materiais de construção e sua organização inacessível as crianças, a escola acaba restringindo também a imaginação da criança e sua capacidade criadora, além de perder “uma proveitosa oportunidade de trabalhar pela conquista, por elas, da autonomia para a escolha de atividades, materiais e etc.” (BRASIL, 2009b).

A aprendizagem, o desenvolvimento e o bem-estar da criança vem em consequência de uma atividade significativa e prazerosa. Em uma experiência com a linguagem gráfica a criança expõe suas ideias, confronta opiniões, apresenta acordos e desacordos.

(A professora) Apresentou as crianças um papel colorido, tamanho A4, com o título “minhas atividades”, pediu as crianças para “desenhar qualquer coisa, o que deixa você feliz, alguma brincadeira” e esclareceu que este desenho seria “para colocar na capa das atividades”.

Nesse momento, algumas crianças comentaram: “*Tia pode desenhar a família?*”; “*Tia eu vou desenhar meu cachorro.*”; “*Eu vou desenhar minha família, a senhora, todo mundo aqui!*”. (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

A professora precisa compreender e responder às iniciativas para ampliar as experiências das crianças, “possibilitando o desenvolvimento da sua autoconfiança para expressar com vivacidade seus desejos, curiosidade e imaginação infantis” (BRASIL, 2009b).

Apesar da escola limitar a ação criadora das crianças, no que se refere a escuta dos interesses, variedade e acessibilidade do material e suporte, muitas aprendizagens fluíam nos diálogos que emergiam nos grupos de trabalho.

Foto 4 – Diálogos entre as crianças



Fonte: Arquivo de pesquisa

As crianças falavam sobre suas produções:

Criança 1 - “Olha o meu cachorro!”

Criança 2 - “Ele é pequeno.” (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Apresentavam suas ideias:

Criança 1 - “Peraí! Eu vou fazer minha bicicleta.”

Criança 2 - “Eu já fiz minha moto!”

Criança 3 - “Eu fiz o meu barco. Tchuuu! Tchuuu!” (fez um barulho com a boca). (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Provocavam o outro com suas sugestões:

Criança 1 - “Olha aí minha motona.”

Criança 2 - “Eu vou fazer minha motona.”

Criança 1 – “Já fez?”

Criança 2 – “Tô fazeno!” (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Questionavam o desenho do outro:

Criança 1 – “O que é isso aí, Davi macho?”

Criança 2 – “Casa de tijolo.”

Criança 2 – “O que é isso aí?”

Criança 1 – “Lobisomem sem braço.”

Observavam a concentração do grupo:

Criança 1 – “Tá tão silêncio, né tia aqui?”

[...]

Criança 1 – “Parece que o pessoal tá com a boca trancada!” (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Faziam negociações:

Criança 1 – “Posso pegar emprestado?”

Criança 2 – “Pode! Mais tem que devolver!”

Criança 2 – “É só emprestado, Victor!”

Criança 1 – Eu sei! (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Fortaleciam os vínculos afetivos:

Criança 1 – “Ei tia, ele fez uma casa pra nós dois. Agora nós somos irmãos!” (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Ampliavam o conhecimento do outro:

Criança 1 – “Tia, tô desenhando flocos de neve.”

Criança 1 – “Tu vai fazer igual ao meu é?”

Criança 2 – “Não!”

Criança 1 – “Se quiser fazer é só bater o lápis.” (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 27/11/2014).

Foto 4 – “Flocos de neve” nos desenhos das crianças



Fonte: Arquivo de pesquisa

E muitas outras aprendizagens aconteciam durante a atividade gráfica e que se passaram despercebidas naquele momento de observação.

Podemos ter a certeza que as crianças vão ousar à medida que “[...] explorar diferentes maneiras e suportes para desenhar, pintar, modelar ou fazer colagens, utilizando tintas, pincéis, diversos tipos de lápis ou giz, em diferentes superfícies e tipos de papel.” (CEARÁ, 2011, p.47).

Contudo, é preciso oportunizá-las, cotidianamente, a experimentar variados materiais: os fabricados, reutilizáveis e os que fazem parte da natureza; e ouvir frequentemente as suas ideias e sugestões.

Através das experiências ricas com a linguagem gráfica as crianças irão ampliar seu conhecimento, aprendizagem e vivenciar sensações de bem-estar com suas descobertas e criações.

4.3 A criança nos diz... Só precisamos escutá-la!

A criança a todo instante nos dar pista do que está lhe interessando. Fala-nos sobre suas ideias, apresentam-nos suas descobertas e novidades. Manifestam seus desejos e insatisfações através das diferentes linguagens; contribuindo para um fazer pedagógico significativo e envolvente para a criança.

Fundamentalmente, ouvir a criança é precedente para uma reprodução gráfica com maior riqueza de detalhes. Segundo Montoya (*apud* CUNHA, 2014, p. 17) “A criança que não for solicitada a falar e a relatar a respeito das suas experiências, a dizer e constatar aquilo que pensa e a reconstituir o vivido e o sonhado não terá condições necessárias para reconstruir as ações em nível da representação.”

Através da sua fala, a criança sugeri ações valiosas que até então não foi percebida pelo professor, como retrata o diálogo a seguir:

Criança: - “Tia, deixa eu levar pra casa.”

Professora: - “Pra quê?”

Criança: - “Pra mostrar pra minha mãe.”

A professora olhou e sorriu para a pesquisadora e respondeu: - *“Tá bom! Mas depois você trás pra eu juntar com as outras tarefas.”*

Satisfeita a criança foi guardar a atividade na mochila para apresentar a mãe. (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 06/11/2015).

A criança deixa explícito que a produção gráfica precisa ter uma finalidade para além do arquivo e entrega aos pais no final de cada mês; diz-nos literalmente, que deseja apresentar e falar ao outro sobre suas criações.

Foto 6 – Varal para anexar as atividades



Fonte: Arquivo de pesquisa

Mesmo assim, ainda nos deparamos com algumas cenas intrigantes e contraditórias a concepção de criança, currículo e Educação Infantil exposta nos documentos legais mais recentes (Resolução CNE/CEB nº 5/2009; Parecer CNE/CEB nº 20/2009). Para exemplificar:

Uma criança foi até a professora e falou:

- *“Tia! Eu quero lápis de cor!”*

- *“Não! Hoje vai ser giz de cera.” – respondeu a professora.*

A criança meio cabisbaixa e ao mesmo tempo demonstrando-se conformada diante a resposta da professora, retornou para o seu grupo e deu início a pintura. (TRECHO DO REGISTRO DO DIA 06/11/2015).

À criança, lhe é negado o uso de outro material sem ao menos ser questionada pelo motivo da escolha. Contrário ao trecho analisado, a professora precisa possibilitar materiais diversificados às crianças, para que a sua imaginação flua e as suas criações (desenhos, escritas, pinturas...) ganhem desenvoltura.

Quando há uma escuta da criança e pensa-se sobre a sua fala, o professor começa a duvidar de suas próprias certezas, dando espaço para uma linguagem gráfica significativa, que considere os desejos e interesses da criança.

A necessidade de expressar, é uma necessidade do ser humano e constante na criança, mas a escola nega esse direito quando desconsidera a sua fala e não oportunizar uma experiência rica com a linguagem gráfica.

Nas entrevistas feitas com o grupo de crianças, quando questionados sobre as “atividades que faziam na escola”, as crianças citaram a escrita do nome e da agenda, o uso do livro didático e caderno, cobrir pontilhados; mas também mencionaram a pintura, o desenho a construção com massa de modelar e o manuseio de cola glitter.

Durante a entrevista, as crianças ressaltam a pintura como uma das atividades realizadas na escola e que tem como referência as datas comemorativas: *“Quando é dia do natal. Agora ela (professora) tá passando as tarefas do natal.”*, *“De natal, da Mônica, da estrela, fazer o Papai Noel.”*

A escola precisa despertar e perceber que as experiências das crianças não são enriquecidas com o ensino de desenhos “prontos”, mas através do investimento para que as mesmas desenvolvam o próprio percurso. Investimento esses, que perpassam pela escuta da criança, variedade e acesso do material e suporte, dentro outros aspectos.

As crianças mencionaram o uso de *“massinha, tarefa de pintar e cobrir”*, contudo, deixam evidente o material de construção usado pela professora e por elas: *“Da estrela pra tia botar brilho e agente pintar”*. Ou seja, as crianças nos dizem que para a professora o produto final passa a ser mais importante do que o processo; o belo se sobressai mais do que a vivência para a criança; é tanto que uma criança afirma *“pra tia botar brilho”*.

Muitos professores ainda não conseguem perceber a importância, também, da linguagem gráfica para o desenvolvimento integral da criança. Mas uma criança nos fala explicitamente sobre a indissociabilidade entre as linguagens. *“A gente tem que fazer a tarefa. A gente vai desenhar, vai fazer é a mãe, ou o pai, ou a tia, ou o vô. Aí ensina a gente fazer e ajuda a ler. E tem umas pessoas num sabe; umas pessoas sabe. Ai é isso sim.”*

A motricidade, o desenho, a leitura e a afetividade, são alguns dos aspectos citados na fala da criança. A mesma nos mostra que o leque de aprendizagens vai de encontro com a qualidade do que é ofertado.

Conhecendo um pouco das atividades gráficas proposta a turma do infantil V, foi indagado às crianças sobre as atividades que mais gostavam na escola, e elas falaram: *“De natal e as vezes quando a tia bota pra fazer no livro [...] de cobrir, de cortar, de pintar, de ligar os números.”*, *“Pintar a árvore de natal.”*, *“Pintar e tarefa de escrever e fazer o nome completo”*, *“Desenhar e de pintar”*, *“Quando não tem nada atrás nós desenha o que tá na frente”*, *“Desenhar, pintar, fazer o nome completo e a agenda”*, *“Pintar, fazer o nome completo e o mais legal é pintar com os amigos e também ficar fazendo atividade, fazendo tudo que a gente gosta, mas as vezes a gente tem que fazer tarefa , fazer tudo né!”*

É interessante observar que, basicamente, não existe nenhuma diferença das “atividades gráficas que as crianças gostam” para as que são “propostas pela escola”. As crianças nos dizem das suas experiências sem denotar muitas perspectivas. Malaguizzi (1999, p.90 *apud* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999), ressalta que “quanta mais ampla for a gama de possibilidades que oferecemos às crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiências”.

Percebemos através dos relatos das crianças a inserção da pintura em desenhos ligados a datas comemorativas quando mencionam “o natal”, “*árvore de natal*”; e do desenho a uma reprodução, “... *nós desenha o que tá na frente*”.

Também houve quem citasse a relação entre “*pintar*”, “*os amigos*” e “*fazer o que gosta*”, denotando prazer, “*kairós, tempo-vida*” (OSTETTO, 2010, p. 23). Ao mesmo tempo, retrata o “*fazer tarefa*” a uma ação insignificante, enfadonha mas obrigatória, “*tem que fazer*”.

Com relação ao material e suporte de construção, as crianças mencionam os disponibilizados pela professora: “*lápiz, borracha, lápis de cor, giz de cera*”, “... *massinha, agenda*”, “*canetinhas...*”, “*folha*” e tesoura “*uma vez a gente cortou o nosso nome. Eu cortei o nome no papel rosa e a minha mãe colou no meu caderno o meu nome completo.*”, e deixam evidente o material de construção usado pela professora e por elas: “*Da estrela pra tia botar brilho e agente pintar*”.

Foto 7 – Crianças desenhando com canetas hidrográficas



Fonte: Arquivo de pesquisa

Alguns dos itens supracitados também foram afirmados pelas crianças como os materiais que gostariam de usar nas suas produções: “*massinha; brilho; canetinhas*” e tesoura “*só uma vez a gente cortou o nosso nome*”.

Sobre os materiais que gostariam de utilizar nas atividades, as crianças se reportaram a massa de modelar, peças de encaixe, canetas hidrográficas e a cola glitter: *“A gente só usava um dia massinha e o resto a gente não brincou mais de massinha.”*, *“Pecinha.”*, *“Canetinha”*, *“Brilho [...]”*, *“Às vezes a tia coloca na nossa tarefa a cor brilhante”*.

Percebemos claramente no registro acima, que as crianças citam exatamente os materiais menos utilizados por elas. Ao mesmo tempo, demonstram um desejo e curiosidade em experienciá-los.

E por último, considerando a criança um sujeito criativo e imaginativo, foi-lhes perguntado sobre as suas criações realizadas na escola. Esforçaram-se a recordar, mas somente uma das dezoito crianças entrevistadas respondeu: *“eu lembro só de uma que criei que lá em casa eu desenho pra tia e depois eu trago de cartinha pra tia”*.

Com a citação da criança e o não posicionamento das demais, nos mostra que no ambiente escolar não lhe foi oportunizado criar, construir, inventar.

As crianças nos dizem...

Que a escola precisa oportunizar mais as experiências com a linguagem gráfica e variar os materiais de construção. Barbieri (2012, p. 30), cita que *“Cada experiência que temos é única e, portanto, intransferível. Experiências podem ser compartilhadas, mais jamais transferidas para outras pessoas.”*

A professora precisa se atrever a escutar mais as crianças para favorecer atividades gráficas significativas e prazerosas, que considerem a expressão da criança.

No tocante ao papel do professor, Barbieri (2012, p. 19) cita que,

[...] é observar e escutar as pistas que as crianças deixam ao longo do percurso. Cada criança é um universo potente de expressão, que oferece alguns pontos de partida para o professor criar ações poéticas e momentos de interação. Tais ações, por sua vez, ampliam as ideias e a imaginação das crianças, as encorajam a fazer perguntas, projetos e a buscar sua realização. É importante que o professor crie condições e ofereça tempo para que as crianças possam realizar seus trabalhos.

Tomando por bases as observações e as falas das crianças, no que concerne a linguagem gráfica, fica os seguintes questionamentos: Que experiências gráficas almejamos possibilitar as crianças? Como podemos ampliar a variedade dos materiais de construção?

Pode-se ter a seguinte certeza: ouvir as crianças, conhecer os seus interesses é o caminho para favorecer atividades gráficas ricas, que desencadearão em aprendizagem também ricas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Temos que ser a transformação que queremos no mundo.”

(Mahatma Gandhi)

A linguagem gráfica é uma das diferentes linguagens que contribui para o desenvolvimento integral da criança, mencionada nos documentos legais mais recentes para a Educação Infantil (PARECER CNE/CEB nº 20/2009; RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 5/2009) e por vários teóricos (EDWARDS, GANDINI, FORMAN e outros).

Considerando esta perspectiva, a pesquisa propôs-se a investigar as atividades gráficas propostas na turma do infantil V, os materiais de construção e a escuta dos interesses das crianças para ressignificar o fazer pedagógico.

Observar e ouvir as ideias das crianças sobre a linguagem gráfica, fruto da Especialização em Docência na Educação Infantil, nos revelou uma significativa maneira de repensar o fazer pedagógico.

Ao longo das observações, as crianças vivenciam atividades gráficas relacionadas a pintura e ao desenho. Com relação a pintura, essa atividade se resumia a colorir “modelos prontos” e “acabados” ligados a um determinado assunto que a professora julgava ser importante para as crianças, como “animais nocivos” e datas comemorativas.

Conforme mencionado anteriormente, as atividades mecânicas e não significativas para a criança devem ser repudiadas do contexto da Educação Infantil, dando espaço para o reconhecimento da “atividade criadora e o protagonismo da criança” (BRASIL, 2009b, p.15).

Mesmo com os mais recentes documentos legais, PARECER CNE/CEB nº 20/2009; RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 5/2009, que garantem a vivência de experiências significativas e prazerosas à criança, na prática pedagógica ainda nos deparamos com atividades mecânicas e enfadonhas.

Se almejarmos crianças ativas, criativas, desejosas a conhecer, descobrir e criar, é preciso urgentemente extingui do contexto da Educação Infantil toda e qualquer atividade gráfica estereotipada e que não vá de encontro com os interesses das crianças.

O material de construção ofertado as crianças também pouco contribuía para a expressão das ideias, opiniões e desejos das mesmas, já que são oferecidos sempre os mesmos: lápis grafite, lápis de cor, giz de cera e papel A4, desenho xerografado e/ou livro; e guardados em local inacessível às crianças, no armário da professora.

Através das observações das crianças e relatos na entrevista, foi possível perceber a satisfação das crianças no uso de alguns materiais de construção (tesoura, canetas hidrográficas e massa de modelar); bem como, o seu raro uso.

Nas atividades gráficas, a criança não tinha muita alternativa para comunicar suas ideias, uma vez que os materiais de construção eram invariáveis e fora do seu alcance.

Pensar a linguagem gráfica é ouvir a criança e possibilitar-lhe material variado (tintas, tecidos, pincéis, esponjas, caixas, sementes, folhas, conchas e muitos outros) para expressar com fluência os seus desejos e invenções através da pintura, desenho, recorte, colagem, modelagem e outros.

Ao contrário disso, a escola acaba tolhendo a criatividade e imaginação da criança; empobrecendo as experiências com a linguagem gráfica (e outras linguagens) e conseqüentemente, afetando a aprendizagem, o desenvolvimento e bem-estar da criança. Como cita, Edwards, Gandini e Forman (1999), se as possibilidades forem amplas, conseqüentemente, as experiências e aprendizagens serão ricas.

As crianças, durante a entrevista, nos dizem que a escola está sendo um espaço que desacredita no seu potencial; desestimulando as suas criações. As crianças nos dizem que a pintura era realizada somente com lápis de cor e/ou giz de cera; e que outros recursos como a massa de modelar, as peças de encaixe, as canetas hidrográficas eram dificilmente utilizados.

Ao mesmo tempo, nos revelam vários conteúdos preponderantes para enriquecer as experiências com a linguagem gráfica, romper com a visão adultocêntrica¹⁵ e a sobreposição de uma determinada linguagem¹⁶ sobre outras; e ainda, nos indicam por onde devemos começar e o caminho a percorrer.

Como a experiência é “única” e “intransferível” (Barbieri, 2012), ficamos a nos questionar: Que marcas estamos deixando na vida das crianças? São experiências significativas? Prazerosas? Mecânicas? Ou Lineares?

A aceção de que é somente o professor quem define as atividades gráficas (e outras), os recursos, o tempo e o espaço, não faz nenhum sentido no desenvolvimento do trabalho com a Educação Infantil.

Embora sabendo que ainda pairam muitas dúvidas nas decisões do professor a respeito das atividades gráficas a serem propostas as crianças, não esqueçamos que é preciso,

¹⁵ As opiniões, ideias e sugestões das crianças também são importantes para o desenvolvimento da prática pedagógica.

¹⁶ Sobreposição da linguagem escrita sobre a gráfica, da linguagem matemática sobre a musical, e assim por diante.

continuamente, afinar o conhecimento prático com o conhecimento teórico, assim como, observar e escutar a criança, para que sejam ampliadas as possibilidades de aprendizagem, desenvolvimento e bem-estar.

Barbieri (2012, p.70), nos diz que “para aprofundar nosso trabalho, precisamos estudar, pesquisar, e desenvolver nossa sensibilidade. Assim, as crianças poderão viver várias situações diferentes, aumentando seu conhecimento de mundo.”

Observar e ouvir as crianças inspira e aperfeiçoa nossas ideias, a repensar as atividades gráficas, a disposição e variedade do material de construção, ressignificando o fazer pedagógico. Nos inspira a desenvolver um novo olhar para conhecer e entender os interesses e desejos da criança para possibilitar a mediação com novas experiências e saberes.

Não pretendemos dar por encerrado o diálogo sobre a importância da linguagem gráfica para o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil, mas instigar outros pesquisadores e estudiosos da área a ampliar as concepções aqui encontradas. Dessa maneira estaremos contribuindo para uma Educação infantil que respeita o direito de expressão da criança e uma sociedade mais humana.

REFERENCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).
- BASEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Tradução Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artmed, 1999. 360 p.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. *In: _____*. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. p. 15-80.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**: Parecer 20/09 e Resolução 05/09. Brasília, DF, 2009a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB Nº20/09, 11 de novembro de 2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 22/98**, aprovado em 17/12/98. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 1998a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009c.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CEB nº 1/99, aprovado em 07/04/99**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 1999.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CEARÁ. Secretaria de Educação. **Orientações curriculares para a educação infantil**. Fortaleza: SEDUC, 2011.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira. Ouvir crianças: uma tarefa complexa e necessária. *In: SOUZA, Marilene Proença Rebello de (Org.)*. **Ouvindo crianças na escola: abordagens e desafios metodológicos para a psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. Prefácio.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As artes no universo infantil**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. 272 p.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, Disponível em: < <http://www.priberam.pt/dlpo/atividade> [consultado em 08-05-2015].

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. 320 p.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.

GANDINI, Lella *et al.* (Org.). **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emília. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2012. 224 p.

JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHELMILLER, Margo L. **O poder da observação**: do nascimento aos 8 anos. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 192 p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2010. (Coleção Ágere).

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília**: escutar, investigar e aprender. Tradução Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA A DIRETORA DA ESCOLA**

Sra. Diretora,

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo principal analisar o papel das crianças de uma turma do infantil V no desenvolvimento das atividades gráficas, com a finalidade de servir de insumo para a obtenção do título em especialista em educação infantil pela aluna **Elizangela Silva Mesquita**.

Essa pesquisa representa a etapa de coleta de campo de informações da monografia da aluna, cujo tema é “**Os desejos das crianças e as atividades gráficas: (re) significando o fazer pedagógico**”. Para atingir o nosso objetivo, será necessário realizar visitas à turma durante o período de atividades do profissional de ensino, observando as crianças na realização das atividades gráficas. As visitas deverão ser gravadas e informações complementares serão registradas em diário de campo, com registros fotográficos.

Com essas informações, gostaríamos de solicitar a sua autorização para que essa pesquisa seja realizada. Caso autorize, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará com a senhora e a outra com a pesquisadora.

É necessário esclarecer que: 1º) a sua autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2º) que você e os participantes da pesquisa não ficarão expostos a nenhum risco; 3º) a identificação da escola e dos participantes será mantida em sigilo; 4º) qualquer participante da pesquisa poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para ele; 5º) será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa em pauta; 6º) as despesas decorrentes da realização da pesquisa serão de responsabilidade exclusiva das pesquisadoras; e 7º) somente após ter sido devidamente esclarecida e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se com a professora Maria Inair Martins Leite, residente na Rua Afonso Lopes, 222 - Itapery, CEP: 60.742-670, telefone: (85) 32326538, celular: 88630037, e-mail: mmariainair@yahoo.com.br, ou com a pesquisadora Elizangela Silva Mesquita, residente na rua Gustavo Sampaio, n 492 – Bairro Parquelândia, CEP: 60.455-001, telefone: (85) 3283.5514, celular 8513.0103, e-mail: lili.sm@hotmail.com.

Fortaleza, 28 de outubro de 2014.

Nome da Diretora: _____

Assinatura da Diretora: _____

Maria Inair Martins Leite
Pesquisadora

Elizangela Silva Mesquita
Pesquisadora

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA A PROFESSORA**

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo principal analisar o papel das crianças de uma turma do infantil V no desenvolvimento das atividades gráficas, com a finalidade de servir de insumo para a obtenção do título em especialista em educação infantil pela aluna **Elizangela Silva Mesquita**.

Essa pesquisa representa a etapa de coleta de campo de informações da monografia da aluna, cujo tema é “Os desejos das crianças e as atividades gráficas: (re) significando o fazer pedagógico”. Para atingir o nosso objetivo, será necessário realizar visitas à turma durante o período de atividades do profissional de ensino, observando as crianças na realização das atividades gráficas. As visitas deverão ser gravadas e informações complementares serão registradas em diário de campo, com registros fotográficos.

Com essas informações, gostaríamos de solicitar a sua autorização para que essa pesquisa seja realizada. Caso autorize, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará com a senhora e a outra com a pesquisadora.

É necessário esclarecer que: 1º) a sua autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2º) que você e os participantes da pesquisa não ficarão expostos a nenhum risco; 3º) a identificação da escola e dos participantes será mantida em sigilo; 4º) qualquer participante da pesquisa poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para ele; 5º) será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa em pauta; 6º) as despesas decorrentes da realização da pesquisa serão de responsabilidade exclusiva das pesquisadoras; e 7º) somente após ter sido devidamente esclarecida e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se com a professora Maria Inair Martins Leite, residente na Rua Afonso Lopes, 222 - Itapery, CEP: 60.742-670, telefone: (85) 32326538, celular: 88630037, e-mail: mmariainair@yahoo.com.br, ou com a pesquisadora Elizangela Silva Mesquita, residente na rua Gustavo Sampaio, n 492 – Bairro Parquelândia, CEP: 60.455-001, telefone: (85) 3283.5514, celular 8513.0103, e-mail: lili.sm@hotmail.com.

Fortaleza, 28 de outubro de 2014.

Nome da Professora: _____

Assinatura da Professora: _____

Maria Inair Martins Leite
Pesquisadora

Elizangela Silva Mesquita
Pesquisadora

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA OS PAIS**

Estou realizando uma pesquisa sobre as atividades gráficas e o que as crianças pensam sobre essa vivência na instituição de Educação Infantil. Para saber o que as crianças pensam sobre as atividades gráficas, vou fazer algumas observações das crianças em sala de aula e entrevista-las.

O título dessa pesquisa é **“Os desejos das crianças e as atividades gráficas: (re) significando o fazer pedagógico”**.

Alguns estudiosos afirmam que a criança precisa ser ouvida e que linguagem gráfica é um meio de comunicação e expressão da criança. Essa pesquisa pode ajuda-nos a saber o que as crianças pensam sobre as atividades gráficas e também, nos ajudar a entender como essas escolas poderia oferecer melhores condições para o desenvolvimento, aprendizagem e bem estar das crianças.

Gostaria de solicitar a sua autorização para que essa pesquisa seja realizada. Caso autorize, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará com a senhora e a outra com a pesquisadora.

É necessário esclarecer que: 1º) a sua autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2º) a identificação da escola e das crianças será mantida em sigilo; 3º) a criança poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para ele(a); e 4º) somente após ter sido devidamente esclarecida e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se com a **professora Maria Inair Martins Leite**, celular: 88630037, e-mail: mmariainair@yahoo.com.br, ou com a **pesquisadora Elizangela Silva Mesquita**, celular 8513.0103, e-mail: lili.sm@hotmail.com.

Fortaleza, 08 de dezembro de 2014.

Nome da Criança:

Assinatura do responsável pela criança:

Assinatura da Pesquisadora:

**APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA A CRIANÇA**

Estou realizando um trabalho na turma de vocês, para conhecer as atividades que vocês fazem na escola.

Então eu vou ficar um pouco na sala, escrevendo sobre algumas coisas que eu observo e tirando algumas fotos.

Outro dia, também, vou precisar fazer algumas perguntas a vocês.

Quem quiser participar, ajudando no meu trabalho, pode fazer o nome, um desenho ou um risco na linha abaixo.

E se depois quiser desistir também pode.

Fortaleza, 28 de outubro de 2014.

Marca da criança

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM UM GRUPO DE CRIANÇAS

Exposição sobre a minha pesquisa:

“Estou muito interessada em saber quais são as atividades que vocês fazem na instituição. Eu não sei, mas gostaria que vocês me falassem. Vocês podem me dizer?”

1. Quais as atividades que a professora passa para vocês na escola?
2. Qual(is) a(s) atividade(s) que vocês mais gostam de fazer?
3. E vocês podem criar uma atividade, do jeito de vocês?
4. Quais os materiais que vocês utilizam, na escola, para fazer as atividades?
5. Qual(is) o(s) material(is) que vocês mais gosta de usar?